



MULHER DA MAIA — (Cliché do distinto fotografo Alvão, do Porto, cujos trabalhos foram premiados com medalha d'ouro e menção especial na Exposição das Artes Graficas. O quadro reproduzido foi gentilmente oferecido ao *Seculo* e à *Ilustração Portuguesa*.)

Série—N.º 401

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 27 de Outubro de 1913

DIRETOR E PROPRIETARIO J. J. DA SILVA GRACA
EDITOR: JOSÉ JOUBERT CHAVES

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SECULO

Assinatura para Portugal, colonias portuguezas e Hespanha:

Redacção, administração, offic. de composição e Impressão
RUA DO SECULO, 43



Trimestre..... 1820 cent.

Semestre..... 2640 cent.

Ano..... 4880 cent. Numero avulso. 10 cent.



Pegam a este Homem que lhes leia a Vida

O SEU PODER EXTRAORDINARIO DE LER AS VIDAS HUMANAS, SEJA A QUE DISTANCIA FOR, ASSOMBRA TODOS AQUELES QUE LHE ESCREVEM

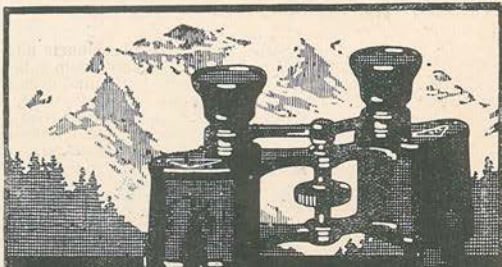
Milhares de pessoas, em todas as sendas da vida, tem tirado bom proveito dos conselhos d'este

homem. Diz-lhes que os destinos que as suas acções lhes permitem e de que modo poderão atingir o bom exito desejado. Indica-lhes o amigos e os inimigos e descreve os bons os maus periodos d'cada existencia. A declaração que faz do seu diz respeito aos acontecimentos passados, presentes e futuro causar-lhes-ha espanto, e servir-lhes-ha d'auxilio. E tudo quanto precisa para o guia no seu trabalho limita-se a isto: o nome da pessoa (escrito pelo proprio mão d'ella), a data do nascimto e a declaração do sexo. E escusado mandar dizeiro. Citem o nome d'este jornal e obterá uma leitura d'assai gratuita. Sua pessoa, que isto lêr, queira aproveitar esse offerimento especial e obter uma revista da sua vida, não tem mais que enviar o seu nome apellido, morada e data do seu nascimto (o dia, mez e anno, tu do bem claramente escrito e explicado), e quer seja senhor, senhora ou menina escreva, copiado tambem pela sua letra os versos seguintes:



São milhares os que nos dizem Que-dese conselhos sem par: Para atingir a ventura, Queréis-me o caminho ensaiar?

A pessoa que escrever, se essa fór a sua vontade, pôde juntar ao seu pedido a quantia de 500 réis em estampilhas portuguezas (ou 500 réis em estampilhas brazileiras) para despesas de parte e de escriptorio. Dirija a sua carta a Clay Hurton Vance, Suite 2008, L., Bays Royal, Paris, França. As cartas para a França devem ser francezinas com 50 réis moeda portugueza, (ou 200 réis moeda brazileira).



Goerz Triëder Binocles

Campo de visao amplificado
Limpidez e plasticidade augmentadas

A venda em todas as lojas d'estes artigos.

Lista dos preços gratis.

Opt. Anst. C. P. GOERZ Akt.-Ges.

Berlin-Friedenau 111

Paris Londres Viena Nova Iorque

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Socied. anonyma respons. limitada

CAPITAL:

Ações.....	960.000\$000
Obrigações.....	383.914\$000
Fundos de reserva e amortização.....	806.400\$000
Reis.....	969.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianain e Sobreirinho (Tomar), Penedo e Casa de Hermio (Louzã), Vale Maior Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhoes de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. Escriptorios e depósitos:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: COMPANHIA PRADO. Numero telefonico: Lisboa, 605 — Porto, 117.



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 401

27-10-1913

A base 8

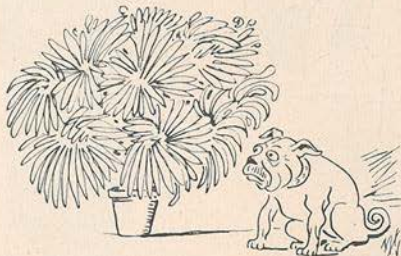
A noticia do *Daily Telegraph* ácerca da suposta base 8 da *entente* Poincaré-Afonso XIII, noticia a que o gabinete de Paris acaba de contestar o fundamento, não produziu em Lisboa, ao contrario do que seria licito prever, um d'esses fortes movimentos de exaltação popular que resultam sempre do brio nacional ofendido, e cuja suprema justificação está, precisamente, na sua nobre e impetuosa bravura. Quer isto dizer que os sentimentos patrióticos do povo portuguez se atenuaram e



empalideceram? De modo nenhum. Significa apenas que ao apurado instinto das multidões, á serena consciencia nacional, appareceu desde logo, a descoberto, tudo quanto em semelhante noticia havia de propositos tendenciosos e de especulação politica. E o paiz, indiferentemente, com o admiravel bom senso de Sancho Pança, — encolheu os hombros.

Crisantemos

Estamos no mez dos crisantemos. Por toda a parte, em Lisboa e no Porto, no atrio do palacio do municipio e nas áreas dos hortos particulares, molhos de flores, com cabeleiras enormes, n'uma convulsão estilizada de pétalas, fulvas umas como labaredas, douradas outras como se pelas suas folhas passasse o ouro fluído do sol d'outono, outras ainda roseas, transparentes, estremeando em palpitações de carne, ou rubras, sangrentas como



polpas humidas e vermelhas de labios frescos, levantam-se, ondulam, encrespam, encaracolam-se, erguidas em attitudes humanas, debruçadas sobre caules hirtos, suntuosas como grandes peças de ourivesaria hieratica. E entretanto, diante d'essas enormes flores, cuja maior beleza está na sua dourada monstruosidade, não se recebe a impressão d'oce, a im-

pressão carinhosa, a impressão virginal e simples da flor. Sente-se n'elas o aborto, o artificio, a violencia. Falta-lhes tudo quanto ha de espontaneo na obra sagrada da natureza. Sobre-lhes tudo quanto ha de inteligente na obra artificiosa do homem.

Politica

O ultimo movimento revolucionario não teve a justificavel-o e a enobrecel-o, nem a beleza d'um ideal, nem o exemplo de uma organização, nem a aulacia d'um heroismo. Não foi um movimento tendente a fazer triunfar uma causa; foi mais uma aventura destinada a manter o estado de perturbação interna e de intranquillidade geral em que ha cinco ou seis annos se vive no nosso paiz. E, entretanto, Portugal não póde estar á mercê de agitadores. Precisa de paz, de confiança, de harmonia e de conciliação. Tem uma vida nova a refazer, energias a aproveitar, um destino historico a cumprir. Basta de politica,—da baixa politica que Rafael Bordalo fixou n'um simbolo eterno. A grande maioria dos que trabalham, indifferentes a lutas de homens, a ambições ou a interesses de grupos, tem o direito de exigir a ordem e a paz, sem as quaes a vida das nações não existe.

«Saison»

Principiam os dias de chuva. A lama elegante da *saison* chapinha nas ruas. Desarmam-se as feiras. Abrem-se os theatros. Com



os primeiros frios, vêem-se as primeiras pelles. «Revillon frères» começam a envolver nas suas estolas de lontra, de arminho e de raposa, o focinhito trigreiro-dourado das portuguezas. S. Luiz Braga, de regresso de Paris, traz o panamá, como uma alcofa, cheio de celebridades estrangeiras. S. Carlos segreda-nos ao ouvido a promessa da sua abertura. Anunciam-se os primeiros livros. Fala-se nas primeiras exposições. A Academia das Ciências abre a sua grande sala d'ouro para uma sessão solene. Lisboa quer afirmar-se, respirar, viver. Permittil-o-ha a politica?



JULIO DANTAS

(Ilustrações de Manuel Gustavo.)

a mentirosa



Quatro anos e meio, umacabeleira loira aos cachos, levantados por um nó de fita ver-

melha a um dos lados da cabeça, faces vermelhas, olhos faiscantes de malícia e o diabo no corpo, tal era a pequenina Lili.

N'aquela manhã de domingo, o dia começara mal para a menina Lili.

Não se lembrara ela de cortar os bigodes ao maltez, o gatinho cinzento? E demais a mais com a tesourinha fina, que ficara estragada?

N'isto apareceu a Inacia, a fiel criada, cuja indignação foi extrema:

—Que grande má! ralhou ela; vou dizer á mamã para que a menina não coma sobremeza. É' uma má, uma grande má!

—E tã, tu não passas d'uma estúpida, retorquiu a menina Lili furiosa.

Em todo o calor do momento, a Inacia contou tudo á senhora, e esta pronunciou a sentença pedida pela honesta criada.

Sabendo do caso, o papá dobrou o castigo. Lili seria privada da sobremeza ao almoço e ao jantar: uma vez por haver cortado os bigodes ao gato e ter insultado a criada; segunda vez por ter mentido desvergonhadamente. Era preciso castigar com rigor, para combater em Lili uma disposição para a mentira, muito evidente n'ela.

—É' tão mau, tão mau mentir! Compreendes Lili?



Ora, n'aquela manhã? o papá e a mamã haviam convidado para almoçar a velha tia Tereza, dama de grande respeito.

Um pouco intimidada pela presença da velha dama e sobretudo possuindo um amor proprio fortemente ancorado no coração, desejando não parecer de modo

nenhum afetada com o castigo, Lili, durante a refeição, foi d'uma correção perfeita, o que lhe atraiu, por varias vezes, os elogiosos

cumprimentos da sua velha tia.

Quando apareceu, no fim do almoço, o prato do crême:

—Ah! ah! Lili, exclamou a digna tia. Quem é que teve muito juizo e vae comer muito crême?

Estas palavras, pronunciadas com toda a inocencia, caíram com tão sangrenta ironia, que Lili desatou em soluços ruidosos.

—Oh! que foi, que foi! exclamou a tia. Informaram-a dos deploraveis incidentes.

—Mas não haveria meio de arranjar is-



STUART



so? perguntou a tia, sempre indulgente e conciliadora. Se a Lili fosse pedir desculpa á Inacia e promettesse não tornar a fazer outra...

O papá e a mamã aquiessceram naturalmente.

—Vae, Lili, vae pedir desculpa á Inacia e pedir-lhe se ela deixa que comas creme.

E Lili salta da sua cadeira, sae para voltar d'aí a instantes, com a carita risonha:

—A Inacia diz que sim.

E depois que Lili lambeu o creme que quiz, foi autorisada a retirar-se da mesa, para ir brincar.

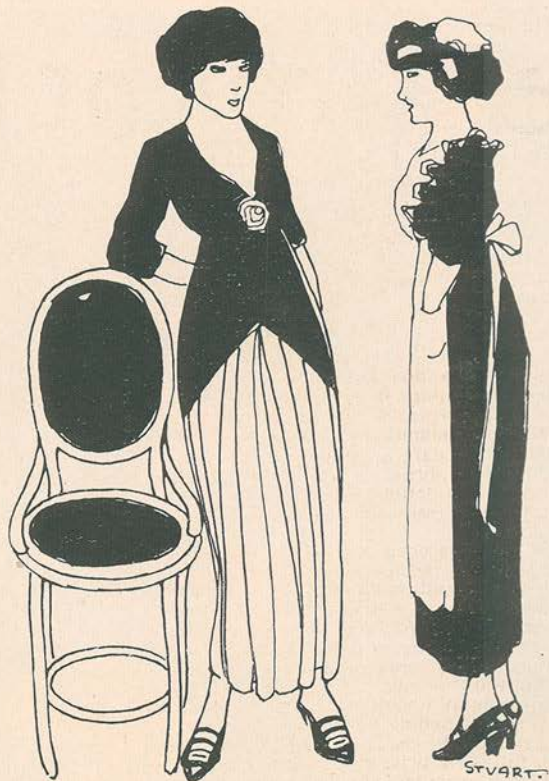
D'ahi a pouco, apparecia a Inacia.

—Que ha, Inacia, que quer?

—Minha senhora, é a respeito da Lili... E' verdade que fui eu que pedi que ela não tivesse sobremeza; mas ela gosta tanto de creme... Tenho pena d'ela. Se a senhora dêsse licença...

—Mas... E' boa!... Então a Lili não foi agora pedir-lhe... dizer-lhe...

—Não, minha senhora, não vi a menina...



—Oh! exclamou a boa tia Tereza! Que marota! Fingiu que falou com a criada!

—E' levada da bréca! exclamou o pae.

Felizmente, a criminosa, a quem era preciso ralhar com a maior severidade, por este novo delito, fugira prudentemente, e os paes largaram a rir.



Depois do almoço, serviu-se o café na sala, e a menina Lili teve a audacia de vir pedir uma chavena. A velha tia Tereza sentou-a nos joelhos:

—Então, Lili, conta-me cá. Que fizeste tu de bom esta manhã além de teres cortado os bigodes ao Maltez?

Lili sentia confusamente que sobre as diversas operações que fizera de manhã, era preferível lançar um véu. Ficou muda.

—Dize lá, continuou a tia Tereza. Em primeiro logar, fôste á missa?

Lili, embaraçada, deitou um olhar á mãe.
—Então, disse a mãe, cujas faces se lhe rosaram impercetivelmente, responde: Sim, minha tia.

Ora a criança não fôra levada á missa.

Todavia, a tia Tereza era uma senhora muito severa na questão dos deveres religiosos. Ser-lhe-ia muito desagradavel saber que a sobrinha, toda entregue aos seus cuidados de dona de casa, não tivera tempo de ir á missa de manhã, e nem sequer mandar lá a creada com a filhinha. Porque, pois, desgostar uma velha parente, bastante rica, quando é tão facil dar-lhe satisfação, e falar rapidamente d'outra coisa?

Lili não ficou nada desconcertada por ouvir dizer uma grande mentira á mamã, apesar de pouco antes o papá lhe dizer que era muito mau mentir. Lili respondeu, pois, com audacia:

—Sim, estive na missa.

Mas, a velha tia não abandonava facilmente esse assunto de conversa, e continuou:

—Então estiveste na missa, Lili?

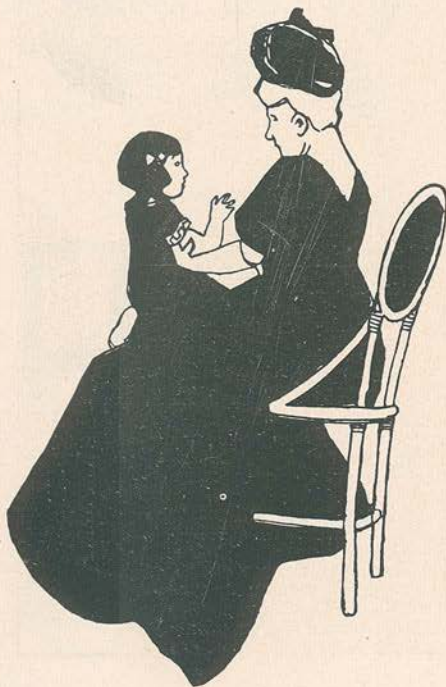
—Estive?

—Diz-se: «Estive, sim, minha tia», observou a mamã.

—Estive, minha tia.

—E que fizeste tu na missa? Resaste ao Senhor Jesus Cristo?

—Resei.



—Resei, minha tia,—corrigiu ainda a pobre mãe, que começava a ficar anciosa.

—Resei, minha tia.

—Ainda bem!... É era linda a egreja?

—Oh! sim!

—Viste o sr. padre?

—Vi.

—Vi minha tia, tornou a mãe.

—Vi, minha tia.

—E que fez ele, o sr. padre?

—Que fez ele?

—Sim, que fez ele, o sr. padre? Sim; cantou o sr. padre?

—Cantou.

—E que foi que ele cantou?

—Cantou... Cantou...

Lili ficou hesitante. Não sabia que dizer; d'esta vez, que não podia responder por «sins» o que iria sugerir-lhe a sua imaginação de criança?

A hesitação de Lili durou apenas um instante. Imediatamente se lhe oferecia ao cerebro o canto mais familiar, n'esse tempo, ao seu ouvido, aquele com que a cosinheira tinha o costume de acompanhar os seus trabalhos. E exclamou:

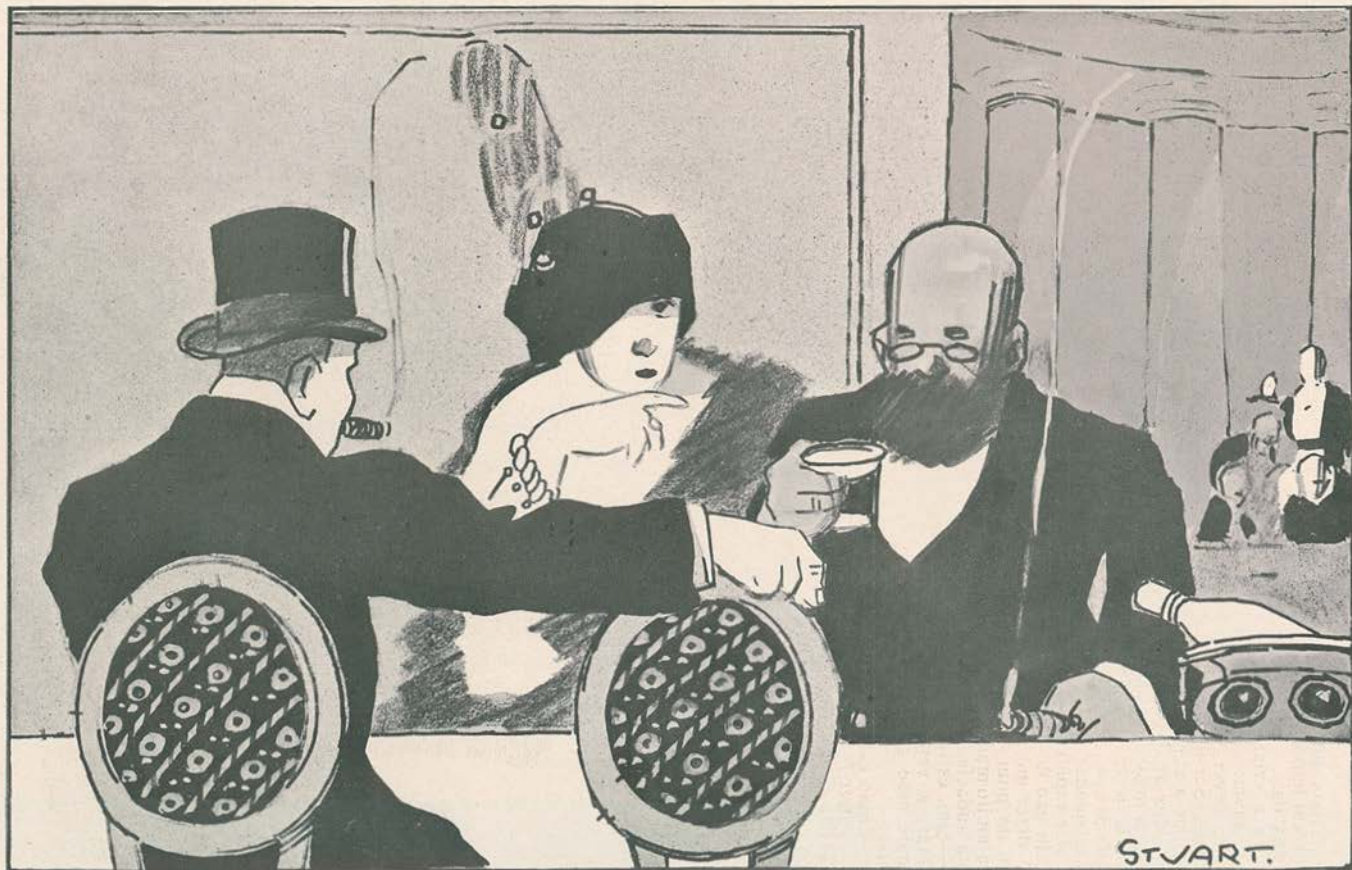
—Cantou, o sr. padre... cantou:

*Ai Joaquina, ai Joaquina,
Deixa-me entrar de fachina!*

Porto — 1910.

C.

ENTRE EMPREZARIOS



— Temos um *deficit* enorme!
— A única solução seria promover uma *recita de caridade*..

(Caricatura de Stuart Carnealhas)

O movimento revolucionario de 21 de Outubro

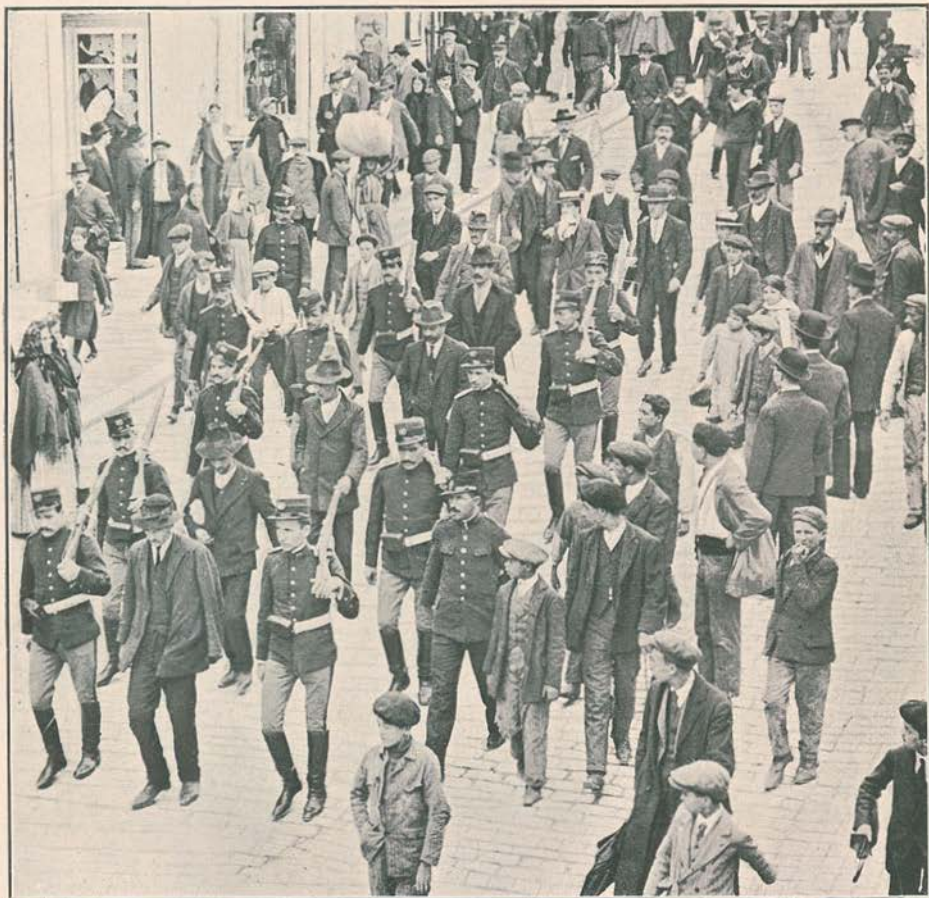
Na madrugada de 21 de outubro rebentou em Lisboa um movimento monárquico que se iniciou por um assalto dado pelos policiaes da Boa Vista aos do Caminho Novo e á guarda do Parlamento. Ao mesmo tempo diante de alguns quartéis apareciam vultos suspeitos tentando penetrar n'esses



1. O policista Garcia do posto antropometrico que foi preso em virtude dos acontecimentos—2. Cabo Monteiro da esquadra da Boa Vista tambem preso — 3. Cabo Manuel Antonio, do Caminho Novo, que cheffou o movimento n'esta esquadra.

recintos mas não o conseguindo.

N'uma grande extensão de Vila Franca para o norte foram cortadas as linhas telegraficas e telefonicas, fizeram-se saltar pequenas pontes e desviaram-se rails nas linhas ferreas. Pretendeu-se assaltar o Limoeiro a fim de soltar os presos que ali se encon-



Os presos que vieram do Cabeço de Bala, sendo o terceiro Diogo Peres, um dos chefes monárquicos que foi libertado da esquadra do Caminho Novo e novamente preso a porta d'aquelle quartel quando tentava assaltá-o.



1. Sr. Tomaz d'Almeida Caiola, um dos oficiais presos por tomar parte no movimento—2. Sr. dr. Carvalho Monteiro em cuja casa se diz ter-se ocultado Azevedo Coutinho—3. Sr. Azevedo Coutinho que se disse estar em Lisboa onde tencionava revoltar a marinha—4. Sr. Constâncio Roque da Costa, um dos chefes do movimento—5. Sr. capitão tenente Vieira Fonseca preso como acusado de tomar parte na conjura.

tram e que deviam engressar as fileiras revolucionarias.

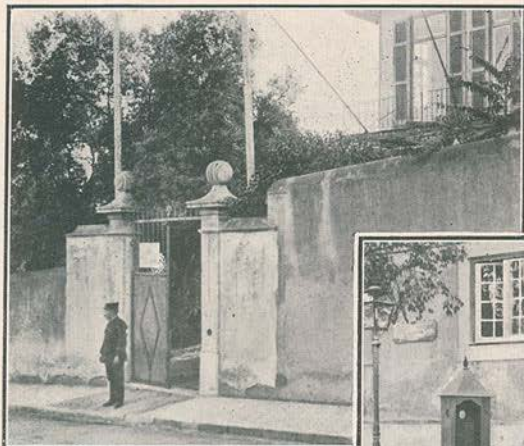
No quartel de marinha tambem se pretendeu revoltar os marinheiros para o que se dizia viria Azevedo Coutinho buscando com o seu antigo prestigio arrastar as praças á rebelião.

Ter-se-ia occultado n'uma quinta pertencente ao dr. Carvalho Monteiro tendo este senhor sido tambem preso no Estoril e recolhido no quartel dos Loios.

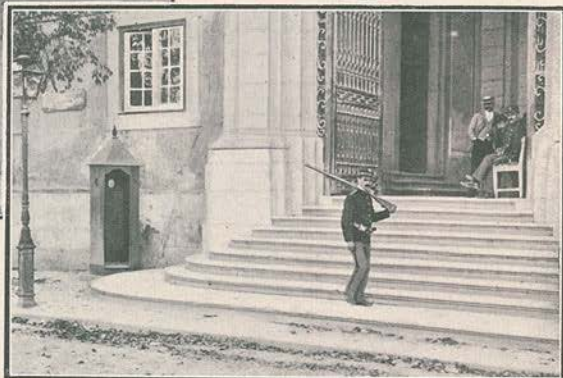
Ao mesmo tempo outras pessoas de categoria eram tambem presas e entre ellas o sr.



6. Os destroços da redação do jornal monarchico *O Dia* que foi assaltada depois de fracassado o movimento—7. Os destroços da redação do jornal legitimista *A Nação*—8. Daniel Leão conspirador que já fôra condemnado a pena maior e que foi preso em Vinhaes tendo-se-lhe encontrados documentos importantes—9. Sr. Moreira d'Almeida director do *Dia* e um dos indicados chefes do movimento.



1. A entrada do Museu da Revolução onde os monarchicos foram buscar armas na manhã da revolta



2. O sargento José Diogo, que foi ferido perto da Escola de Guerra quando andava vigiando alguns conspiradores.
3. A entrada do Parlamento d'onde os revoltados levaram os soldados de guarda.

Constancio Roque da Costa, a quem acusam de chefiar o movimento juntamente com os srs. Moreira d'Almeida, dr. Cunha e Costa, dr. José Lobo d'Avila Lima, João Moraes Machado e Diogo Peres pelos civis e os srs. coroneis Bessa e Seabra de

Lacerda, João d'Azevedo Coutinho e Pereira de Matos pelos militares.

Fracassado o movimento foram destruidas as redações dos jornaes monarchicos *Dia* e *Nação* tendo havido tambem uma tentativa contra o *Intransigente* a que a policia obistou.

Começaram então as prisões sendo os primeiros a ser detidos o 1.º tenente d'armada Resnaso Garcia, coronel Seabra de Lacerda e capitão tenente Vieira Fonseca.

No Porto tambem se fizeram numerosas prisões, algumas de importancia, assim como foi apreendido muito armamento.

Nos arrabaldes de Vizeu um bando armado e que era dirigido pelos padres pretendeu assaltar os regimentos mas foi posto em debandada pelo grupo que o governador civil dirigia restabelecendo-se desde logo o socego.

Em Vila Real e Bragança fizeram-se tambem algumas prisões importantes, assim como em Vinhães foi detido um conspirador já condenado pelos tribunaes marciaes e que se evadira.



A esquadra do Caminho Novo tomada pelas policias da esquadra da Boa Vista, vendo-se á porta o chefe Lourenço que foi amarrado pelos seus subordinados.-(Cliché de Benóliet)



Uma Ferra em Albandia



O gado na lezria

A ferra é o pretexto para o português ensaiar a bravura e saltar em plena campina, ajudando a conduzir os novilhos para o cercado.

Quando o toureiro era uma arte d'arrojo e de graça que o povoou aplaudia loucamente endeusando o toureiro, essas tardes das ferras tinham uma excepcional significação. Tudo tem ido acabando pouco a pouco desde as esperas de gado a *aficion* sentida e mesmo esse entusiasmo antigo pela ferra em que se sente rechinhar a carne do novilho sob a *marca* do lavrador.

Já não se vae esperar o gado de pampilho sob a

perna fazendo prodigios de cavalaria pelas lages polidas dos caminhos, passando entre nuvens de poeira enquanto os batedores chicoteavam os cavallitos magros e lepidos e as guitarras plangiam fadados. Já não ha tambem aquella endemica loucura pelo toureiro que fazia encher as praças ao anunciar-se *espada* de renome.

Portugal mais cedo do que a Hespanha perdeu a tendencia entusiasta pela arte de Montes. O povo pouco a pouco tem ido repelindo os exercicios d'aquele genero dedicando-se com mais atençaõ a outros desportos.

Em todo o caso ha ainda afi-



O sr. dr. Afonso de Sousa impondo o ferro a um novilho



A condução do gado para o local da ferra



1. Uma das convidadas impondo ferro a um novilho

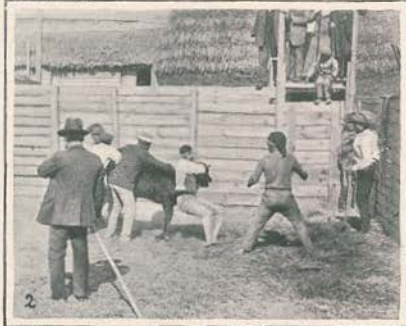
cionados cheios de paixão para quem uma tarde de sol vivo, uma arena onde se *lucem* toureiros, mugem touros bravos e galopam cavaleiros garbozos constitue a mais nobre, a mais digna, a mais excitante diversão.

Como se umas gotas ardentes de velho sangue aventureiro passasse nas suas veias eles evocam o tempo em que nos redondeis fidalgos da mais alta estirpe, principes e até reis toureavam vestidos de gala diante dos camarotes onde as mulheres vibravam ou empalideciam enquanto decorria a lide e deixavam cair das suas mãos flôres que muitas vezes eram recolhidas nas arenas molhadas em sangue.

Toda essa velha historia do toureio está cheia de lidadores nobilissimos e ainda ha poucos anos se viam de quando em quando surgir cavaleiros e bandarilheiros nascidos para a lide d'uma tradição.

Os curros famosos de Cada val quando das ferras viram nos passar lidando por gracioso divertimento a novilhada antes que fosse marcada com o ferro que jamais aparecerá em praças nacionais.

A ferra tem todavia sempre a mesma feição excitante. Ha a luz deslumbrante do sol, o plano verde da leziria os cavalos dos campinos correndo a mostrarem lucilações nas ferraduras na brevidade da carreira, os novilhos correndo e saltando, em



No cercado: As pegas dos novilhos



3. Outro aspecto da imposição do ferro.—4. Uma das senhoras que assistiu á ferra.



ensaios de mugidos por esses campos em direção ao cercado onde os espera o tormento do ferro em braza.

Emquanto o agarram com força, o ferro está ao rubro e então o hospede graduado, o dono do curro, por vezes linda mulher aplicam essa

marca no flanco do bicho que solta um mugido doloroso e ao ser largado escabreia diante dos que os esperam com varas e bandarilhas. Como n'uma praça a valer ou vem-se as palmas, os aplausos, as risadas alegres, todo um tumulto que agrada ao latino e acorda os ecos da campina geralmente em silencio mergulhada.

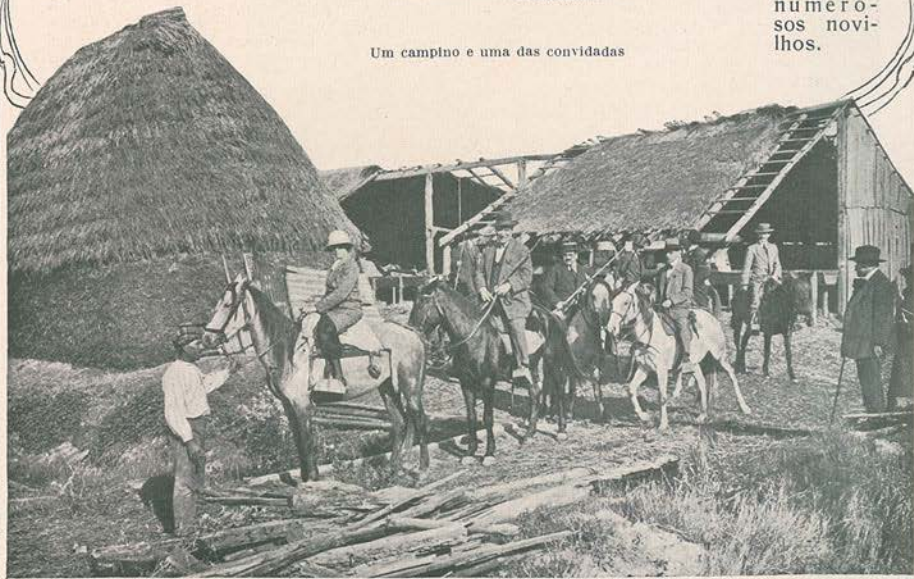


E quando aquilo acaba ha sempre a meza posta com a sua louça vidrada, os seus cangirões onde espuma o vinho, a sua toalha branca para sobre a qual os creados conduzem as longas travessas d'arroz louro, onde a galinha surge, a cheirosa carne de porco, as

frutas preciosas enquanto a tarde vae caindo e as guitarras docemente se vão afinando para o regresso, á luz do luar alto.

Foi uma festa assim, cheia de alegria e de entusiasmo que se realizou ha dias nas propriedades do sr. dr. Afonso de Sousa em Alhandra onde se fez a a ferra de numerosos novilhos.

Um campino e uma das convidadas



Os convidados depois de terem assistido á ferra—(Clichés de Benolle)

A sala da Republica no Museu de Artilharia

No Museu d'Artilharia desde ha anos que se teem aberto diversas salas dedicadas a varios periodos da historia nacional nas quaes se veem os attributos guerreiros de algumas epochas, armas, bandeiras, trofeus, sinaes guerreiros, elmos e espadas celebres.

Aepoca das guerras com a Hespanha está ali assinalada, assim como a das batalhas contra os francezes, a das lutas liberaes tambem, havendo até manequins com os fardamentos correspondentes a esse periodo e um album no qual se veem tambem figuras militares de ha um seculo para cá.

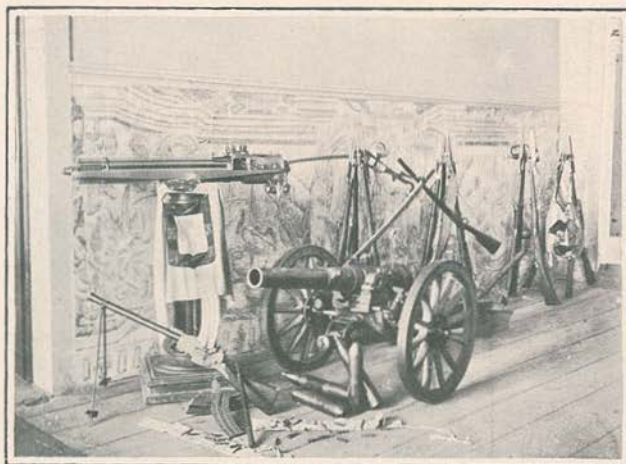
As pinturas alegoricas succedem-se n'esse museu guerreiro onde os nossos melhores pintores teem deixado os seus trabalhos sendo emfim aquela uma das nossas me-

gradas com trofeus e as espadas dos heroes que n'elas to-



Aspêto da exposição e do busto da Republica sob cuja egide está a sala na dias inaugurada

maram parte podendo-se dizer que ali se fremita diante d'um glorioso relicario.



A bandeira azul e branca, a peça, as armas, sabres e baías tomadas no ataque de Chaves aos realistas

Ultimamente inaugurou-se a sala Republica, na qual estão as armas, as peças, as munições e os trofeus deixados no campo de Chaves pelas tropas de Paiva Couceiro quando da segunda incursão assim como as bandeiras azues e brancas apanhadas depois da derrota.

Encontra-se tambem na mesma sala a espada de D. João d'Almeida que como se sabe é um mimo artistico, além d'outros objetos curiosos que o sr. general Arbués Moreira reuniu formando assim a nova sala na que tinha o nome de barão de Monte de

lhores exposições. As guerras de Africa tambem estão consa-

o nome de barão de Pedral.

O aviador Pegaud

O aviador Pegaud tem uma reputação universal. Conseguiu fazer no ar o *lo ping the loop* diante d'um publico numeroso e loucamente apaixonado pela proeza do grande conquistador dos espaços que no aerodromo de Buc, n'um espetaculo promovido pelo *Matin*, fez soltar calorosas exclamações a duzentas mil pessoas.

O aviador montou o seu aparelho Bleriot, fez-se amarrar solidamente e pôz o motor em marcha, depois saudou o publico e elevou-se ante um entrecido e medroso silencio. Chegou a mil metros d'altura e começou a serie das suas proezas fantasticas. Durante um minuto e meio o habil piloto voou de cabeça para baixo com o motor sempre trabalhando. Depois, como um nadador que volta à sua posição normal voltou o aparelho e começou a descida em zig-zagues não se podendo vêr se o aparelho vinha voltado ou direito.

A duzentos e cinquenta metros d'altura repetiu a experiencia por entre os aplausos dos espetadores. Subiu a quinhentos metros e dez vezes sucessivas fez o mesmo.

Era um espetáculo sobrenatural no espaço.

Desceu então sempre em zig-zagues ouvindo as mais extraordinarias manifestações de aplauso pelas suas proezas singulares.

Interrogado por um jornalista o aviador, sorridente e bem disposto, fugindo á multidão que o aclamava sempre, de-

pois de ter aparecido no balcão das tribunas, declarou singelamente a dar a nota da sua sensação nos espaços:

Parece que tinha azas!
E' pouco porque nem a todas as aves é dado fazer o vôo extranho, esse terri-



O aviador Pegaud que no seu aeroplano Bleriot fez o *looping the loop* diante de 200.000 parisienses no aerodromo de Buc.
(Clôché Archives du Miroir)

vel *looping the loop* dos espaços que Pegaud arrojadamente executa arriscando milhares de vezes a vida.

Vida Colonial

NA LUNDA: Xá Quilongue

Xá Quilongue, na Lunda, tem sobretudo a beleza da mais pitoresca paisagem que se pôde imaginar com as águas largas do seu rio, cujas quedas são maravilhosas e cujos percursos se fazem ousadamente.

A nossa vida colonial que se tem modificado muito desde ha anos oferece já compensações, comodidades pouco a pouco conquistadas com a penetração logica para o interior d'onde hoje veem para os mercados os produtos e se recebem em troca as mercadorias necessarias á vida exaustiva de quem labuta em Africa.

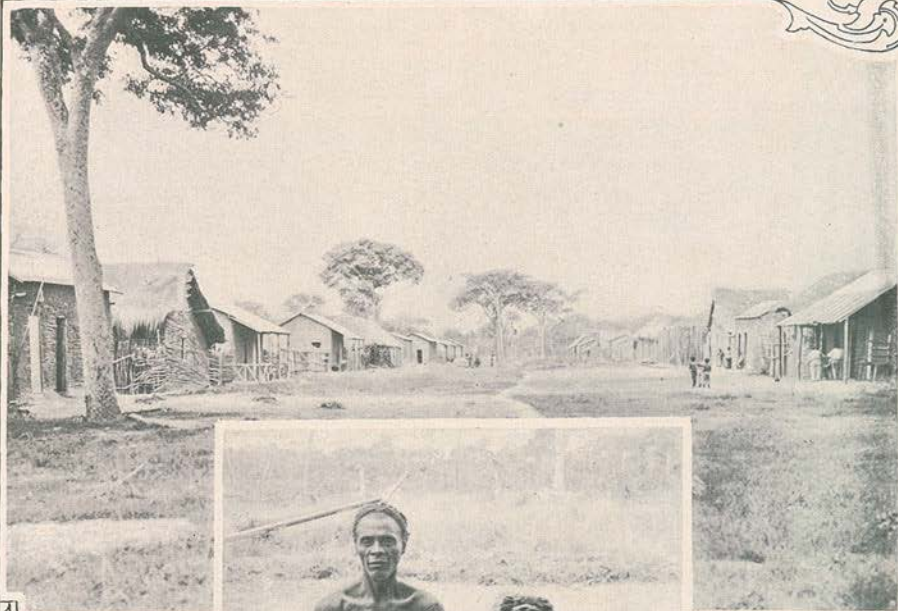
Hoje nas casas comerciaes que se abrem por todas essas povoações, nos nucleos importantes que se criam nas regiões africanas, dizia-nos ha dias um oficial de marinha, já ha o conforto compensador que as descobertas da ciencia facultam.

Depois d'um dia de trabalho janta-se as mais finas viandas, os mimos europeus que chegam lá em latas de conserva, as massas ricas que vão em pacotes, os vinhos generos e as cervejas alemãs. Findo o jantar e antes do descanso reparador ouvem-se os grandes baritonos e tenores nas mais celebres operas atravez do gramofone e assim se cria na Africa uma vida civilisada.

Pois na Lunda ha um grande nucleo civilisado onde se geram todas as com-



1. Uma mulher de Pungoandongo—2. No rio Cuito no distrito da Lunda: Uma linda queda d'água



1

pensações após o trabalho aturado de dias d'um constante labor.

E essa povoação de Xá Quilongue com o seu comercio prospero, a sua vida lar-



2

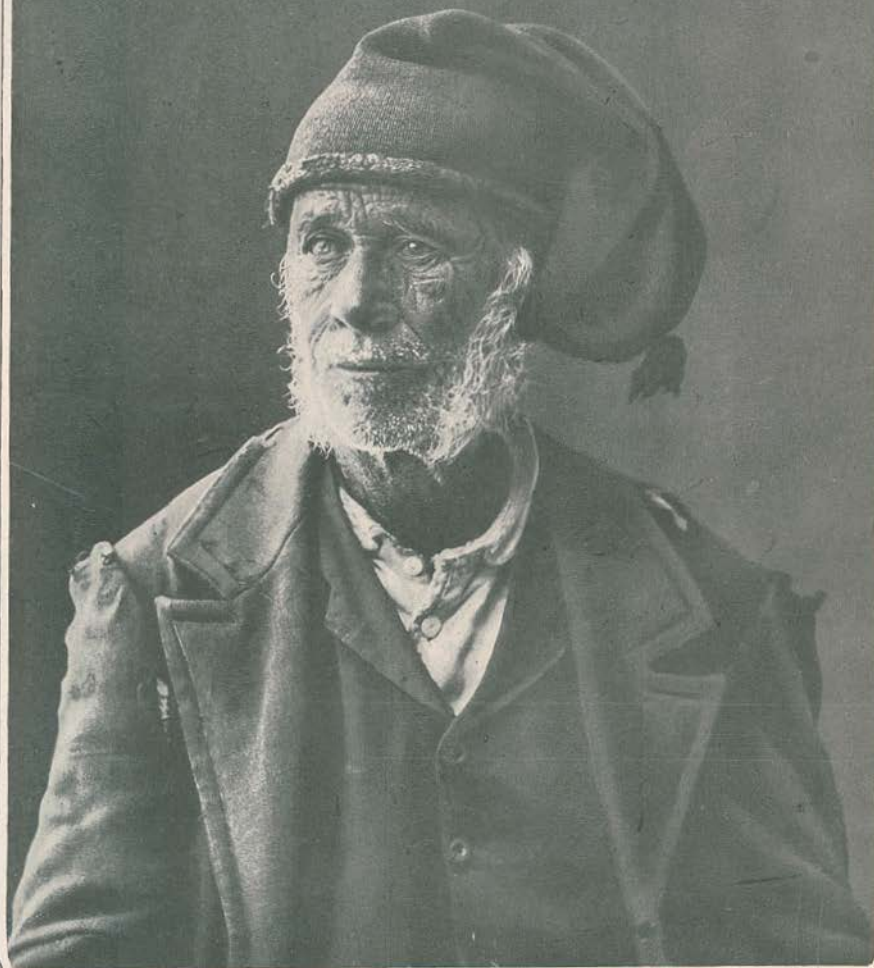
ga, as belezas da sua paisagem é na região como uma joia onde bastantes portugueses labutam engrandecendo aquela possessão.



3

1. Povoação de Mona Quilombe — 2. O soba da Lunda Xá Manquibala com a sua companheira e filha de passagem em Mona Quilombe — 3. Outro aspecto da queda d'água no U'ullo — *Clickés* do distinto amador sr. Lopes Tavares)

TIPOS NACIONAES



O PASTOR ALENTEJANO

Cliché do distinto fotografo amator sr. Frederico Bonache, da Golegã, e pertencente ao distinto professor e escritor sr. dr. D. Tomaz de Noroalá)

Amei-te apesar de não querer

PIANO. Moderato

And. C.

PILO HEAD

I've been wor-ried all day long,
I had pic-tured in my mind,

Don't know if I'm right or wrong,
Some day I would sure-ly find,
Some one hand-some, some one true,

Your love makes me speak this way,
But I nev-er thought of you,
Why did you should
Now my dream of

I feel blue,
One I used to laugh at you,
But now I'm
low in love,
I want you and wish-ing more,
Come on, en-

cry-ing,
No one to cry to,
Ther-fore now even if you will, do—
fold me— Come on and hold me—
Just like you nev-er did be-fore—

Esta canção extraída d'uma opereta celebre é hoje popu-laríssima em Inglaterra pelo seu encanto e pela beleza da sua musica sendo tocada na maioria dos teatros, music-halls e orquestras de restaurants no meio dos aplausos gerados não só no Reino Unido mas tam-bém de França e Alemanha.

CHORUS. And. mf

You made me love you, I didn't want to do it, I didn't want to do it,

You made me want you, And all the time you know it, I guess you always know it,

You made me hap-py some-times You made me glad—

But there-fore there-fore, You made me feel so bad— You made me

ugh for I didn't want to tell you, I didn't want to tell you, I want some

love that's true, Yes I do, Dear I do, You know I do, Give me, give me

what I cry for, You know you got the best of those that let die for, You know you

made me love you— you—

A cantina escolar de Coimbra



1. Sr. Adriano do Nascimento iniciador da Cantina Escolar Bernardino Machado de Coimbra. 2 As creanças depois do banho.

Encontra-se atualmente na Figueira da Foz o quarto e ultimo turno das colonias maritimas infantis promovidas pela Cantina Escolar dr. Bernardino Machado da cidade de Coimbra.

Esta instituicao fundada pela Junta de Paroquia da freguezia da Sé Nova vae para tres anos, deve-se á iniciativa do sr. Adriano do Nascimento, seu illustre vogal, cidadão que é dotado d'uma invulgar inergia, pois que foi tambem um dos seus principaes organizadores.

Alem d'esta importante obra, a causa da instrucção e beneficencia deve-lhe muitos serviços.

Atualmente trabalha ele na fundação d'uma escola-officina, modelada pela que existe em Lisboa, á Graça, e que é efetivamente um instituto de educação exemplar. Para esta importantissima obra pedagogica já se acham muito adeantados os seus trabalhos, encontrando-se abertas subscrições em diversos pontos do continente, Africa e Brazil.

As direções da Cantina Escolar Bernardino Machado, que este ano enviarão á praia da Figueira quatro colonias de creanças em numero de 170, teem sido d'uma dedicacão digna de registro, cumprindo nobremente a sua missão.



A' saída do banho.



A pequenada no banho—(Clichs do sr. dr. Mesquita de Figueiredo)

Eternos aventureiros



1

1. Os vapores d'em grandes



2

2. A ida para bordo

Partem, d'olhos arregalados, luminosos de fé, para regiões longiquas, em busca de dias felizes, que lhes tragam uma aleluia de bem estar. A fatalidade — quantas vezes — os persegue cruelmente e dá-lhes em vez do pão ambicionado, o abismo de meia duzia de palmos de terra fria, onde irão servir de simples repasto aos vermes. Legiões de trabalhadores do campo, fuggindo ás agruras d'um labor pouco

rendoso, abandonavam as suas lindas, alegres aldeias. E lá seguem, na doce esperança d'um futuro riso-



3

Um aldeia no Douro onde só ha velhos

El-dorado para as almas sedentas de ventura. É, como a vida esteja cara, os pobres de pão e do es-

pirito deixam, uns as suas humildes casinholas; outros, esses, mais resolutos vendem-n'as. Assoma-lhe á flôr da re-tentiva a ambição tentadora de que, transcorridos meia duzia d'anos—o mui-

os olhares d'essas numerosas caravanas de visionarios perpassa a angustia, nu-vem sombria de tristeza, envolta n'uma nevoa de pesar ingente ao deixar a patria. Levam os moços—os que deixam corações sangrando ma-guas d'ausencia do bem amado—*harmoniuns*, adufes barulhentos, e a bansa, a inseparavel companheira do portuguez. Ela, ir-lhes-á, nas horas de nostalgia, re-viver aos seus ouvidos bar-baros a doçura, o suave en-levo das trovas populares d'este paiz de sonhadores; as romarias, tão pitorescas, com descantes ao desafio, onde os seios redondos das moçoilas, a saltarem de dese-jos, quando na mór ani-mação do *bailarico*, os atre-vidos, parecem querer, á viva força, rebentar o co-lete de ramagens policromas; o arraial da *Senhora de Longe*, que inumeras recor-dações traz de certa rapa-riga, d'olhos grandes, per-turbadores, que fez, n'a-quele ano, as melhores *va-ras* d'então, exibirem no *ter-reiro*, a sua destreza na arte de jogar o pau; o

vinho, o *sangue de Cristo*—na frase campe-sina—que ruborisa, aos borbotões, a malga de barro vidrado; as vindimas, com os carros a trasbordar de rosarios de contas negras, a pedirem tentadoramente que as comam; e as esfolhadas, pelo S. Miguel,



Aguardando o vapor

to—eil-os já de volta, ricos e cortejados por toda a gentalha da parvalheira; e depois, hão de mandar edificar, como o fez o *brasileiro* das pontes, um *chalet* todo avermelhado, que, do alto do logarejo, domine soberbamente todas as casas ao redôr.

Eternos românticos, pio-neiros inconscientes da ventura, vejo-os todas as segundas-feiras, d'olhos doridos, maguados de soi-dade, á espera do electrico que os conduza a Leixões. Aos grupos, figuras dolo-rosas, extaticas, na sua singeleza de vestir e ru-deza de modos, como se mostram embaraçados an-te o ruído, a barulheira in-fernal da cidade. Sacos de chita, incolores, empilha-das a trouxe-moxe des-cançam no solo; caixas de pinho, a desconjuntar-se, esperam a vez de ser transportadas para bordo; e alguns dos emigrantes, os menos pobres, fazem-se acompanhar de baús já amolgados pedindo re-forma.

Creaças, botões de car-ne, a caír de anemia, en-costam-se ás saias das mães. O que mais alancea a alma é vêr partir esses futuros braços, que, amanhã, com certeza, deixa-rão de cavar as nossas terras. Em todos



Aguardando o vapor em Leixões

onde rapazes mascarados roubam ás mo-ças, á sucupa, sem que os paes o perce-bam, beijos saborosos. E a *viaerem* o pas-sado, um grande numero dos que abalam,

morrem sem nunca mais poderem ameaçar uma centena de mil réis para um

a um sonho irrealizável—o de obter o necessário, quando muito, para com-



dia, mesmo distante, terem o prazer de pisar de novo o torrão amado. Estes são tristes da má sina—os que vieram ao mundo para trilhar a vereda do infortunio. Por lá ficam, ao

prar uma leira e mandar erguer, ao menos uma casinha muito branca, alacrememente a rir na beleza da



1. No dia da partida ao tomarem o comboio—2. Em Leixões ao avistarem o vapor—(Clichs de C. Pereira Cardoso)

deus dará, maldizendo, a todos instantes, a hora infeliz, em que partiram acorrentados

paisagem verde escura da sua aldeola natal.

DOMINGOS FERREIRA.

FIGURAS E FACTOS



O trono do Hanover—Entre os principes confederados da Alemanha o duque de Brunswick andava politicamente afastado da casa imperial em



wick com a princesa Luiza da Prussia, filha do Kaiser, devia assegurar a paz. Eis porém que o Kronprinz — segundo os telegramas—escreveu ao



1. O Kronprinz Guilherme.—2. O conde de Hollveg Bethmann chanceler do imperio.—3. O duque Ernesto de Brunswick, de Cumberland

virtude do trono do Hanover ter sido unido ao da Prussia em 1866 e de em 1884 Bismark ter pesado na Dieta Federal para que o duque não subisse ao trono de Bruwick.

Com o decorrer dos anos as pazes fizeram-se e o casamento ha pouco realiado do duque Ernesto de Cumberland



chanceler do imperio declarando desejar que o cunhado renuncie publicamente a quele trono.

A desordem volta novamente a nascer entre a casa de Brunswick e a familia imperial ou isto não passa d'um dos muitos vivos e extranhos impulsos do herdeiro da corôa?

O chefe do governo, o ministro da instrução e comitiva entrando para a quinta nacional em Caxias, no dia em que terminaram os banhos das creanças protegidas pelas Juntas de parochia e em que lhes foi servido um *lança*



As familias dos presos politicos que foram internados no forte de Elvas e que se dirigiram ao palacio de Belem a solicitar a clemencia do chefe do Estado para que os mandasse regressar

O ilustre diplomata sir Harding que Portugal sempre teve como um devotado amigo vai deixar a representação diplomática da Inglaterra em Lisboa onde durante anos se interessou largamente pela vida do nosso paiz.

Viajando constantemente pela provincia, percorrendo o Alemtejo e vendo as suas características, o norte e admirando nas egrejas as obras de arte e as belezas na paiza-



Sir Carnage, novo ministro de Inglaterra em Lisboa.

gem é um dip-omata doublee d'artista entre nós muito querido e estimado.

Sucede-lhe no cargo de ministro em Lisboa sir Carnage, ultimamente conselheiro da legação ingleza em Paris, cuja carreira diplomatica tem sido das mais brilhantes e que certamente continuará em Lisboa as tradições dos seus antecessores representantes da nossa velha aliada.



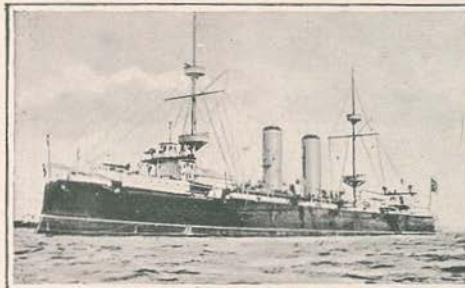
O cardeal Aguirre y Garcia, recentemente falecido, com 78 anos, era um erudito frade franciscano que desde 1856 fazia parte dos mjenores Al-



cantarinos sendo depois bispo de Lugo, arcebispo de Burgo e ultimamente cardeal, arcebispo de Toledo e patriarca das Indias.



2. Contra almirante sr. Schultz Xavier, comandante da esquadra que vai fazer as novas manobras.—3. O celebre prelado hespanhol, o cardeal Aguirre, arcebispo de Toledo, falecido recentemente.—4. 1.º tenente sr. Artur José Teixeira, novo comandante da 1.ª brigada da marinha instalada no quartel da armada.



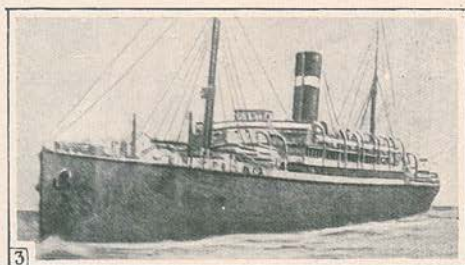
5. Almirante Reis o navio almirante da esquadra.—6. O quartel da armada na Praça d'Armas em Alcantara. (Clichés de Benolle)



entre eles o celebre João Duarte.
Tambem fizeram parte da mesma leva os implicados no *complot* da praia das Maças.
Foram conduzidos entre forças de infantaria da Guarda Republicana comandadas superiormente pelo tenente coronel Aguiar.

Os presos políticos que saíram do Limoeiro para o forte da Graça. Entre as forças á saída da estação d'Elvas. /Fots. enviadas pelo sr. Manuel Calolia

Da cadeia do Limoeiro saíram, de madrugada, ha dias, para o forte da Graça em Elvas, cento e trinta e seis presos políticos, monarchicos, sindicalistas, radicacs e alguns implicados no movimento de 27 d'abril,



O *Voltorno* que se incendiou em pleno oceano.

O grande paquete *Voltorno* que conduzia emigrantes de Roterdam em direção a Halifax (Nova Escossia) incendiou-se em pleno oceano Atlantico tendo perecido cento e quarenta e tres dos seus passageiros apesar dos socorros rapidos prestados por navios de seis nacionalidades.

O navio foi abandonado tendo sido salvos quatrocentos e oitenta e cinco passageiros.

O valor do barco é de duzentos e vinte e cinco contos.

O capitão Inch, que comandava o *Voltorno*, salvou-se a bordo do *Narragonsett* depois de ter bravamente cumprido o seu dever.



4. Comerciante sr. Julio Maria Pereira, falecido em Lisboa.—5. Sr.^a Ana do Carmo Fernandes que contava 92 anos de idade e foteceu vitima d'un atropelamento quando passava na rua do Amparo.—6. sr.^a D. Simpliciana dos Santos, professora da Escola Froebel recentemente falecida.—7. Comerciante sr. Julio Fernandes, falecido em Lisboa.—8. Proprietario sr. João Carlos Alonso Pires, falecido em Evora.

A Praia de Biarritz



O Portugal elegante fornece um grande numero de banhistas á praia de Biarritz. A emigração realista levou tambem para ali quasi uma colonia a partilhar-se com a pequenina S. João de Luz. Mas ha sobretudo o portuguez que tem a sua residencia em Lisboa e a ela regressa quando o inverno chega e



1. O Rochedo da Virgem—2. As elegantes na praia

que todos os anos se instala na praia franceza onde se dão os *rendez-vous* elegantes internacionaes. Entre os nossos compatriotas que Biarritz vê com frequencia está o sr. Madail Lopes Monteiro, um verdadeiro *gentleman* e um distintissimo amator fotografico como se mostra com os lindos clichés, obra sua, que acompanham este artigo.

3. A' saída do banho

Foram tirados quando a praia elegante regorgita de banhistas e a vida

quando a animação chega ao seu auge na praia é entre o meio dia e a uma hora. Gentilíssimas mulheres mergulham nas aguas azues os seus corpos esculpturaes que os *maillots* modelam, rapazes da mais requintada sociedade veem-nas com a paixão que elas despertam; sob as toldas, outras mulheres, com os seus trajos da ultima moda, reúnem-se olhando o mar e é impossivel pertencer-se á alta roda que ali veranea sem esse *rendez-vous* obrigatorio na praia. Outro ponto elegante de reunião é a missa que se celebra ao domingo em Santo Eugenio, e que é sobretudo um pretexto para mostrar as modas chegadas quotidianamente de Paris e que se vão estrear diante dos altares onde o padre celebra a Deus e dos elegantes que o divinizam essas gentis mulheres.

Pela tarde são os concursos hi-



Uma tarde em Biarritz: Em plena animação



2. Passeando depois da missa.
3. Uma linda banhista alemã n'uma praia franceza.

ali é carissima chegando-se a pedir quarenta e cincoenta francos por uma noite de hotel.

O Casino Belle Vue onde se joga desenfreadamente o *baccarat* é o ponto de reunião obrigatorio d'essa opulenta assistencia de Biarritz assim como nos bailes que ali se realisam ás segundas e sextas entram as mais formosas e distintas senhoras em viligiatura na formosa praia.

Este ano o *Tango*, que tem feito um sucesso louco em Paris, foi em Biarritz a dança da moda e n'ele brilhavam alguns conhecidos rapazes portuguezes.

Quando Biarritz tem mais beleza e graça,





2



3



4

picos, o *tennis* o *golf*, o tiro aos pompos, todos os desportos elegantes, as corridas de touros com *diestros* de fama e os passeios de automovel pelas lindas estradas havendo um que chega a ser quasi uma obrigação. E' ir a Cambó onde reside o grande poeta Edmond Rostand, o autor do *Cirano* e do *Aiglon* que tem feito da sua *vila* a golpes de milhões ganhos com o seu talento uma



1. Sr. Madall Lopes Monteiro, o autor dos *clitche* de Biarritz—2. Um hidravion—3. A ultima moda—4. Dois elegantes em Biarritz—5. Aspeto do banho

verdadeira maravilha. Não se julgue porém que a vida em Biarritz é apenas o turbilhão. Quem amar a tranquilidade encontra-a no Port Vieux, distante da Grande Plage onde o animação é enorme. Ha dois pequenos passeios em Biarritz que são maravilhosos pelo panorama encantador que d'elles se disfruta sobretudo pelos poentes dourados descendo sobre as aguas calmas.



1. Combate fotografico.

Passa-se pois ali a vida agradavelmente, n'um esquecimento de tudo gastando-se na vilgietura rios de dinheiro mas trazendo-se d'ela largas compensações e visões que jámais esquecem: A Grande Plage



2. Uma janela para o mar

no rendez vous da uma, a missa mundana de Santo Eugenio, o Casino com os belos pares que passam enlaçados na doçura das valsas ou na languidez do Tango hoje universalmente consagrado.



3. Dois elegantes e alegres banhistas. 4. A' hora do banho.—(Clichés do distinto amador sr. Madall Lopes Monteiro)

A Mulher da Maia

A mulher da Maia tem renome, já Arnaldo Gama e Eça de Queiroz teceram o seu interessante elogio: o primeiro no romance medieval do *Bailão de Leça*; o segundo n'uma bela página solta, que ainda até hoje se não coligiu, leve e perspicaz como tantas outras, para o tombo riquíssimo das suas obras.

A Maia é hoje uma região amorfisada, sob o ponto de vista da divisão administrativa. Metade servida pela provincia do Minho e outra metade pela do Dou-



Sob a alpendrada

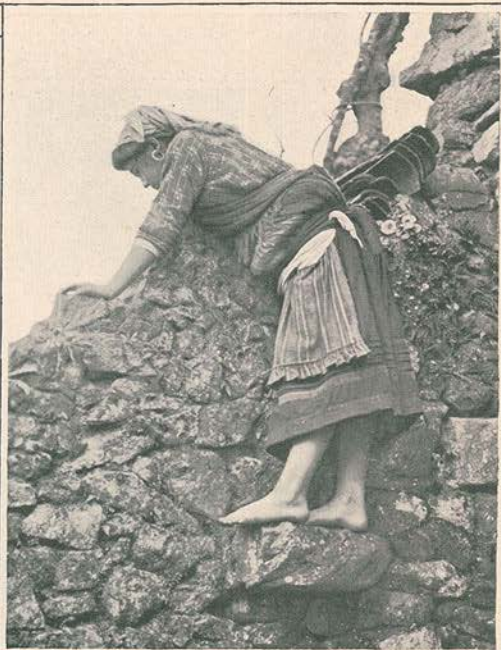
ro, a Maia, com quanto manteve todas as características de uma região isolada, com unidade e especificidades nos tipos, nos costumes e nas paisagens, é certo que a inutilizaram para as classificações da corografia portuguesa, não sendo hoje uma provincia ou região mais do que para dois centos de estudiosos, os quaes se contentam em reconhecer-lhe o *vestido* e o *llar* através das estradas, nas feiras, nas romarias e, sobretudo, ao abrir de todos os dias, nos grandes mer-



Uma lavadeira gentil

cados do Porto. Desenhando a sua linda personagem de Aldora, no *Balio*, o sr. Analdo Gama escrevia:

*... As *maiatas* de hoje não tem de veras variado notavelmente do vestuário usado pela suas avós do século XIII. A saia atual tem pouco mais ou menos o mesmo feitio que tinha a fraldilha vestida por Aldora, a qual era de mais a mais averdugada, ou coberta de verdugos, para até n'isso ser arremedada pelos tres ou quatro tornadas (verdugos então) que as *maiatas* usam agora na orla das saias. O corpinho de Aldora era literalmente o colete de hoje; sem mangas, comprido até tocar na saia e abrochado no peito por um atacador encarnado com a sua ponta de latão amarelo. Era porem ma's de-



cotado, fimbrado de vermelho, e coberto de ramagens verdes, encarnadas e pretas a destacar sobre o fundo azul da fazenda, de que era feito.

A camisa era de bragal, um colar e apertada na raiz do pescoço por uma fininha azul, da ponta da qual pendia uma pequena figa de azeviche. Nos pés tinha umas balugas, especie de borzeguins, de bezerro branco, calçado hoje desconhecido na Maia mas então geralmente usado ali pelas mulheres populares de certa opulencia, que hoje o

1. No muro de derrete—2. A varanda rustica



1. Depois da ceifa.—2. A lã para as mercas.—3. Uma graciosa mulher da Maia.—4. Caminho da fonte.

substituem pela chinela bordada. Pede a justiça que se diga, que as maiatas foram sempre, entre todas as mulheres do Minho, aquelas que menos vezes andaram de pé nú. Ainda hoje são o mesmo.

Só a extrema pobreza, ou o trabalho d'uma longa jornada é que as podem obrigar a abandonar a chinela ou o sóco, e a caminharem descalças....» Isto escrevia o interessante romancis-

ta historico ha cêrca de oitenta anos. A sua maiata, porém, faz hoje um tanto ou quanto de diferença, pois que o seu *colete* ficou exclusivamente com a mulher do Minho e já na Maia o cobre um interessante *chambre* roldado de pregas á altura do seio e solto depois, e além de solto, curto; as saias, com quanto tenham o mesmo feitio, são

local a maiata aparece, tal como n'uma visão larga de grande artista o ilustre fotografo Alvão, do Porto, aqui nol-a reproduz. Vamos ao Porto, demoremo-nos ás seis horas um pouco sobre o taboleiro da ponte. Ei-la que passa, gingada dos quadris, a caminho dos mercados do Bulhão e dos Anjos, com as molhadas dos



Na aldeia das mais lindas mulheres de Portugal—Clichs do distinto fotografo Alvão, do Porto)

hoje erguidas sobre as ancas, com a facha preta de algodão; sobre estas, a'nda, usam as maiatas ha bons anos o avental de sirguilha; e quanto a calçado, com exceção dos dias de festa, raro é o encontrar-se uma descendente de Gonçalo Mendes, o *Lidador*, que não seja descalça, avançando ousadamente sobre o caminho das feiras com o seu cesto de verga fina e em forma de taça.

Mas, para ver maiatas, porque não recorreremos nós ao bom costume de evocar o quadro?

Sim, o quadro, o sugestivo processo de reprodução. Venham conosco, e dir-lhe-hemos em que dia, a que horas e em que

álhos, a carga das verduras, a cantara de folha do leite, os ramos das flores e os cestos pesados do pão de Avintes.

As manhas do Porto vivem, a paz de uma frescura ideal, intraduzível, do calor da sua labuta. Mas é pouco? Vamos então a Vila do Conde, á feira mensal da *primeira segunda-feira*, e ei-las passando, com as pernas meias desnudadas pela saia que se aprecinta, as ancas bolhadas, o *chambre* solto, e a taça do cesto abrangendo as hortaliças com carinho e alegria. É, em verdade, uma fêmea cheia de graça. E razão tinha Eça de Queiroz em lhe chamar a sua «capitosa e fragrante conterranea.»

ULTIMA INVENÇÃO NORTE-AMERICANA LUZ A GAZOLINA



Wigand

UNICA QUE ACENDE COM UM FOSFORO COMO O GAZ E TEM UM PODER ILUMINANTE DE 500 VELAS, APENAS CONSUME UM LITRO DE GAZOLINA EM 24 HORAS, PEDIR INFORMAÇÕES A PARAIZO, PE-REIRA & C.ª — COIMBRA
Ele-se representantes em todos os concelhos



O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA

Madame BROUILLARD



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparável em vaticínios. Pelo estado que fez das ciencias, quironancias, cronologia e fisiologia e pelas applicações practicas das teorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambruse, d'Arpenigny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—LISBOA. Consultas a 18000 rs., 28500 e 58000.

PARA ENCADERNAR A
"Ilustração Portuguesa"

PARA ENCADERNAR A

"Ilustração Portuguesa"

Ja estão á venda bonitas capas em percalina de fantasia para encadernar o **segundo semestre de 1912 da Ilustração Portuguesa**. Desenho novo de ottimo effeito. Preço **360 réis**. Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pode ser remetida em vale do correio ou selos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontispicio respectivos.

ADMINISTRAÇÃO D'O SEculo

Rua do Seculo, 43

LISBOA

CÓRTE ESTE COUPON E REMETA

CRUZEIRO DO SUL

COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA

Caixa Postal 1064 Rio de Janeiro

PARA OBTER OS DEVIDOS ESCLARECIMENTOS

O futuro da familia pôde depender desta consulta

Meu nome

Residencia

Edade anos. Posso dispender anualmente (sem sacrificio) Rs.

de de de 191

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETOZEIROS, 141

TELEPHONE N. 2717

Le Chevalier d'Orsay

Este perfume se harmoniza com o aroma do charuto

D'ORSAY, 17, Rue de la Paix, PARIS

Cold-Crème Albert Simon

Com sello VITERI. O mais perfeito artigo de toilette, brancieira, perfuma e amacia a pelle. Tira os cravos, pontos negros, borbulhas, cieiro, panno, vermelhidão, etc.

Pote 800 réis. Meio Pote 600 réis. Para fóra acrescem os portes.

PEDIDOS AO DEPOSITO:

VICENTE RIBEIRO & C.ª — 84, Rua dos Fanqueiros, 1.º — LISBOA



PRISÃO DE VENTRE

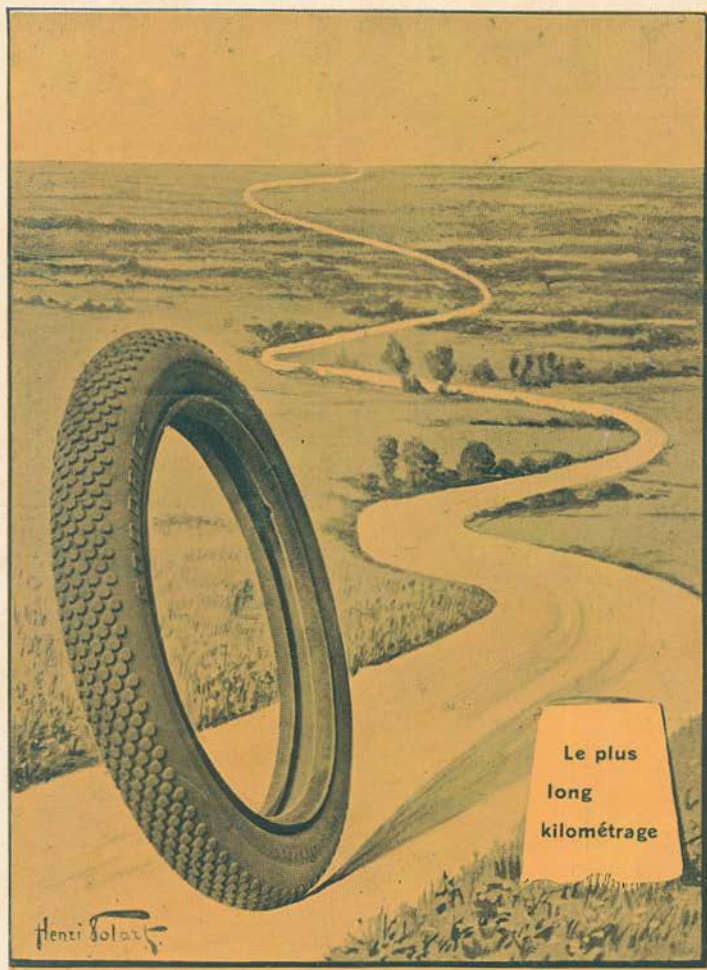
O unico remedio prescripto por todos os medicos para a cura da *Prisão de Ventre* e de suas *consequencias* é a **CASCARINE LEPRINCE** (uma ou duas pilulas de tarde ao jantar).
Em todas as Pharmacias. - EXIGIR SEMPRE o NOME impresso em cada pilula.

Sederia Schweizer

de porte a domicilio.
Ultimas novidades em sedas para Vestidos e Lusas bem como as veludões e peluches. Peçam as nossas amostras franco.
Schweizer & Co., Lucerna e Il
(Suissa)

Pneu GOODRICH

Superior ao melhor



À VENDA:

Castanheira, Lima & Rugeroni L.^{da}, Rocio—Lisboa

Romariz, Abranches & Pistacchini, Santa Marta.....
Magalhães & Moniz, Ltd.....
Antonio Fernandes & Filho.....
Zenha & Companhia.....
Auto Garage Gouveense.....
Auto Garage.....
Joaquim Manuel Picão Fernandes.....
José Maria Dionísio Junior.....
Simões & Florival.....
Vale & Franco.....

LISBOA
PORTO
COIMBRA
BRAGA
GOUVEIA
COVILHA
ELVAS
VIZEU
EVORA
TOMAR

AGENCIA GERAL DOS PNEUS GOODRICH, Largo de S. Carlos, 5 e 6—LISBOA